



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SÓCIO ECONÓMICAS E EMPRESARIAIS
ECONOMIA 3.º ANO – PÓS-LABORAL 2021/2022

A Época de Ouro da Economia Portuguesa (1950 – 1974)

Economia Portuguesa e Mundial

Docente: António Duarte Santos

Discente: Ana Vaz – 30004854

Índice

Objetivo	2
Análise	3
Conclusão	10
Bibliografia	11

Objetivo

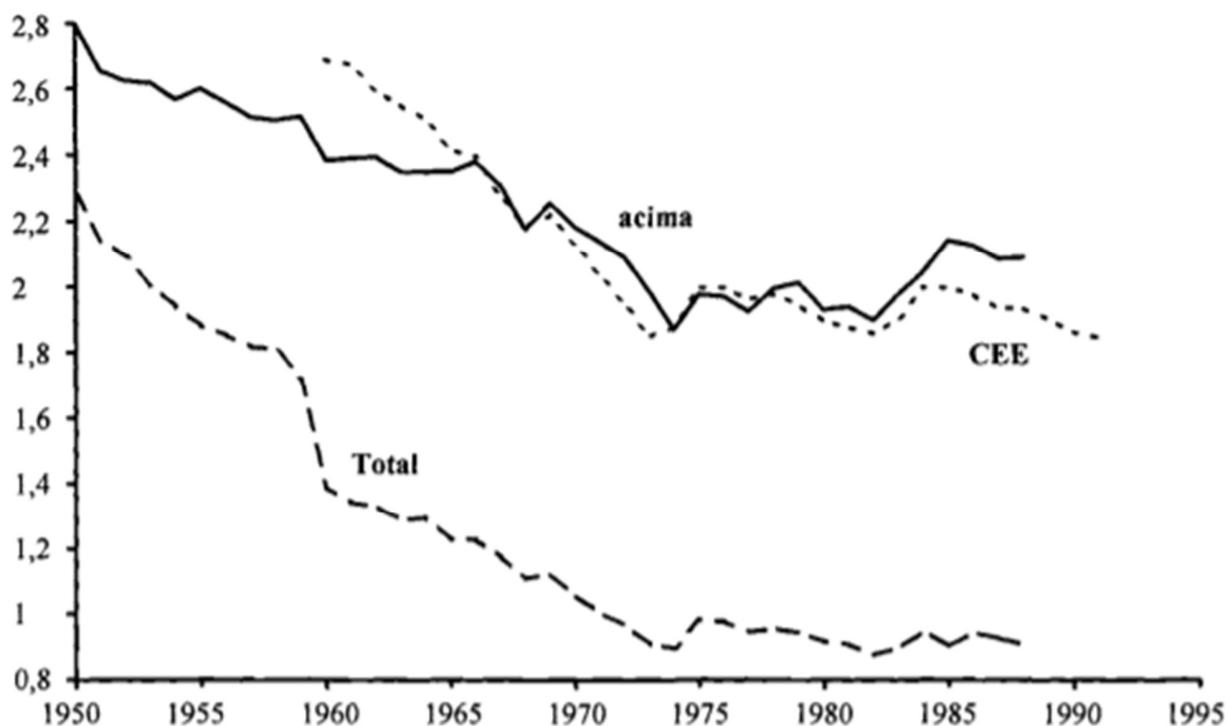
Neste trabalho tenho como objetivo, fazer uma reflexão sobre o processo de modernização da sociedade portuguesa no seu período de ouro entre 1950 e 1974, não utilizo dados empíricos sobre esta problemática, limitei-me a descrever o que existe sobre esta temática.

Analise

O crescimento português no Pós-Guerra é o estudo da “Decolagem Portuguesa”. De facto, nos anos do pós-guerra, Portugal desenvolveu-se vigorosamente e transformou a sua economia numa moderna economia industrial. O país foi condecorado pelas organizações internacionais como um dos melhores exemplos do crescimento da “idade de ouro” das décadas de 1950 e 1960. O facto de os principais índices da estrutura institucional portuguesa do pós-guerra terem sido determinantes pelo regime que surgiu da revolução de 1926, é um dado necessário para compreender a experiência portuguesa e os seus contornos. Em Portugal, as turbulentas décadas europeias dos anos 1930 e 1940 administraram a mesma estrutura institucional da “idade de ouro” dos anos 1950 e 1960. Este facto trouxe à economia portuguesa uma grande coesão e harmonia de orientação. Mas, simultaneamente, eliminou muita flexibilidade e inovação. A atuação deste regime, extremamente autoritário, mas pragmático, foi ponto fundamental, não só nos períodos seus contemporâneos, como subsequentes. O crescimento da economia portuguesa segue diretrizes claras após 1945. O produto real foi multiplicado por um fator de 7 de 1945 a 1992. Este marcante acontecimento económico, perpétua, mesmo quando comparado com o comportamento da economia mundial no nesse período.

1. Conversação e progresso de uma economia

Existe uma clara predisposição, crescente na economia portuguesa até aos anos 70. Nessa altura, Portugal atingiu o padrão da média mundial e estava acima de metade da média da CEE, como se pode verificar no gráfico, infra mencionado:



PIBper capita relativamente a Portugal, média (total; acima, Portugal; CEE)

Fonte :ial, vol. XXIXK (128). 1994 (4.º), 1005-1034

Desde 1974, Portugal manteve esse padrão, flutuando à volta dele. O quadro regista alguns resultados prelúdios, que representam a metodologia de crescimento. Mostra um exercício de “growth accounting”, evidenciando os principais componentes do desenvolvimento. O período foi decomposto em cinco etapas.

GROWTH ACCOUNTING DAS FASES

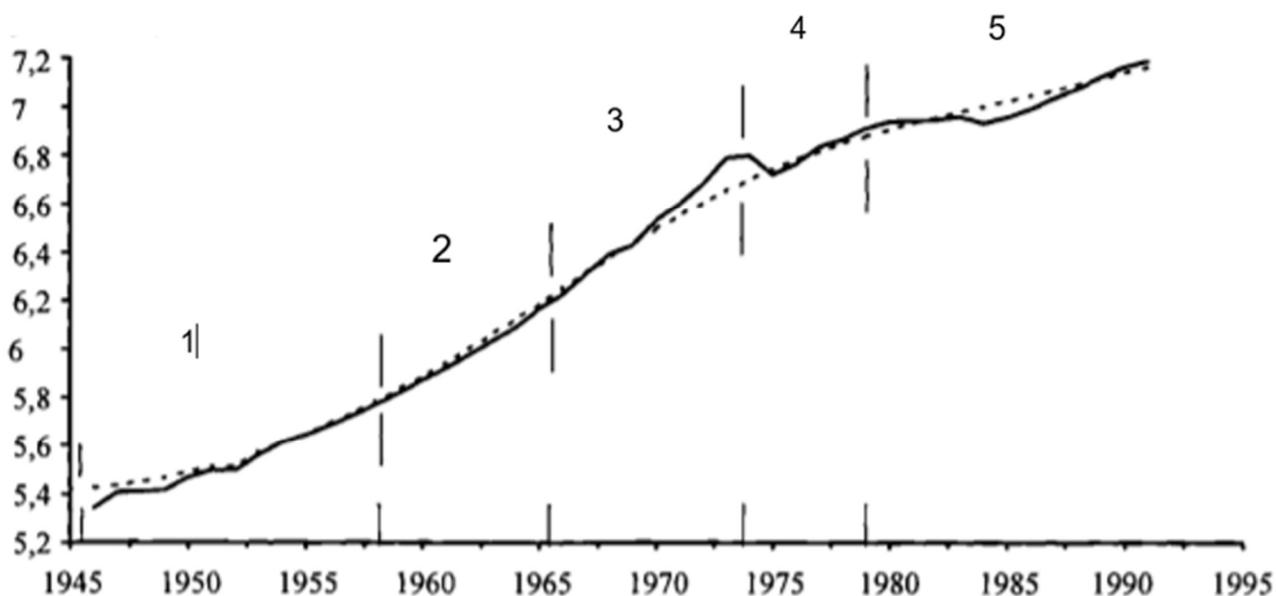
	1952-1958	1959-1965	1966-1973	1974-1979	1980-1991
Taxa de crescimento do produto	3,7759	6,1480	7,2375	3,4666	2,4563
Taxa de crescimento do capital	3,2278	6,1913	7,0361	4,4494	3,3075
Taxa de crescimento do trabalho	0,3311	0,0083	1,5876	1,5954	1,5162
Taxa de crescimento da contribuição do trabalho	0,1647	0,0097	0,8456	0,9370	0,8190
Taxa de crescimento da contribuição do capital .	1,6221	3,1459	3,5002	1,7940	1,5108
Resíduo de Solow.	1,9868	2,9918	2,8866	0,7234	0,1188

Fonte :ial, vol. XXIXK (128). 1994 (4.º), 1005-1034

De 1947 a 1973 a taxa média de inflação foi de 3%. Depois de 1973, o vigente foi invertido, e a inflação média de 1973 a 1992 foi acima dos 18%. A reestruturação da economia portuguesa neste período foi muito robusta. A força do produto na agricultura estava acima dos 38% no emergente pós-guerra está abaixo dos 12%. A indústria e os serviços beneficiaram o aumento. Há uma clara erupção da industrialização depois de 1930. O sector dos serviços estava na vanguarda, após 1970. Existe também um, enfoco global para a abertura do país. O grau de abertura tem vindo a intensificar desde os meados do século XIX, quer no lado das importações, quer no lado das exportações, embora tenha uma maior variação nas importações. As finanças públicas estiveram ao abrigo do domínio até 1974, com a dívida e o e o défice públicos plausíveis. Os finais dos anos 70 e os anos 80 tiveram uma avultada repercussão nas finanças públicas, oscilando as trajetórias. A partir dos inícios dos anos 80 a dívida pública foi para uma posição elevada de 60% do PIB. O ciclo económico português age de acordo com os padrões gerais, a essencial distinção é uma volatilidade acrescida em todas os factores reais em Portugal, que é mais do dobro da volatilidade média nos países da OCDE.

Isto é clarificado quer pela demora respeitante na economia, quer pelos litígios próprios da economia portuguesa no pós-guerra. Os factos principais do padrão dos ciclos económicos mantêm-se em ambos os períodos. A volatilidade de todas as condicionantes nominais é mais elevada do que a do produto. A volatilidade é maior na «idade de ouro» para o PIB, consumo público, exportações, emprego e stock de capital. Os outros fatores, em particular o investimento, aumentaram de volatilidade após a golden age. A maioria dos enfoques reais são pró-cíclicos e a maioria das variáveis nominais são contra cíclicas, nos dois momentos. Todas as outras pesquisas do ciclo estão em linha com a evidência internacional. Em poucas palavras, este é o panorama geral da evolução económica em Portugal no último meio século: um minúsculo e modesto país aberto que só iniciou o «crescimento económico moderno» durante a golden age dos anos 50-60, mudando então de uma antiquada economia rural para uma organização moderna. Toda esta situação se realizou sem grande instabilidade financeira e uma grande preferência de abertura.

O estudo do crescimento, no período que se está a analisar, foi decomposto em várias fases, sendo as séries de dados analisadas de forma a caracterizar cada fase, que está dividida em 5 fases:



Log produto per capita, tendência HP e subperíodos

Fonte :ial, vol. XXIXK (128). 1994 (4.º), 1005-103

1. Logo a primeira fase é a imediatamente após a guerra, de 1946 a 1958. A imobilização da economia após os choques da guerra e a preparação para o enorme surto industrial são as grandes missões;
2. A primeira parte da «idade de ouro», de 1958 a 1965, em que o país entrou. O progresso e a mutação estrutural decorreram a ritmo acelerado, bem como a internacionalização. A guerra colonial iniciou-se nesta fase;
3. A segunda parte da «idade de ouro» assinala as mais altas taxas de crescimento, mas também ficaram evidentes os limites das instituições para resistir a esta forte transformação;
4. 1974 a 1979 foi o período revolucionário. A acrescentar ao caos económico internacional, surgiram as transformações internas institucionais e políticas que adotaram um regime democrático moderno;
5. Após 1980, considerado o ultimo estágio, padeceu de todos os males e vantagens da economia mundial dos anos 80. Depois da revolução, tanto a economia como as instituições estavam estabilizadas. Uma crise importante revela-se na primeira parte dos anos 80, mas, depois de 1986, a adesão à CEE assinalou o início de uma época forte de reestruturação, que ainda se mantem.

Entre 1958 a 1973 deu-se o inicio da nova estrutura da economia portuguesa. Nestes quinze anos o produto do país quase triplicou. Em 1958, a agricultura contribuía com 34% do PIB e ocupava 43% da população apresentava-se em 16% do produto total e 34% da população em 1973. Subiu de 41% para 56% do PIB a abertura ao comércio externo (importações + exportações).

A época de ouro do crescimento mundial estava em iminência de começar e Portugal ia acompanhá-la com forte empenho. Em 1945 o governo criou a «Lei do Fomento e Reorganização Industrial», que iria determinar as principais normas da política de crescimento. A lei fixava uma filosofia protecionista e de substituição de importações, com a prioridade concedida à indústria transformadora. A aproximação corporativa concedia ao governo fixar a concentração em alguns sectores e promover diretamente algumas «indústrias básicas». O plano constituía um programa de investimentos públicos sem linha de orientação definida para o resto da economia. Estes fundos, a usar em seis anos, eram dirigidos para investimentos em infraestruturas. Eletricidade (41,2%) e transportes e comunicações (26,8%) eram os sectores com maior destaque na vida da sociedade. Seguiam-se as indústrias básicas (18,5%) e a agricultura (10,8%). Foram criados 4 planos, sendo que um deles foi considerado um plano intercalar, os montantes envolvidos e as opções tomadas nesses planos estão apresentados no quadro abaixo:

Os «planos de fomento»

	I Plano (1953-1958)	II Plano (1958-1964)	Plano Intercalar (1965-1967)	III Plano (1968-1973)
Investimento total (10 ⁹ esc)	7,6	21	35,5	122,2
Percentagem do PIB do primeiro ano* .	15,2%	33,3%	64,4%	83,4%
Percentagem da FBCF do primeiro ano*	93,4%	180,8%	315,4%	366,1%
Percentagem aplicada em:				
Agricultura e pescas	17,0%	17,3%	8,0%	15,1%
Indústria	11,6%	27,4%	43,0%	25,2%
Energia	34,6%	21,4%	16,0%	14,7%
Transportes e comunicações	32,1%	30,8%	18,0%	22,2%
Ensino e investigação	2,1%	3,0%	2,5%	4,6%
Turismo	—	—	2,8%	9,7%
Saúde	—	—	1,0%	1,9%
Habitação	—	—	5,4%	6,6%

*Os valores do Plano Intercalar foram duplicados devido à sua duração, metade da dos outros.

Fonte : *ial*, vol. XXIX (128). 1994 (4.º), 1005-1034

A estrutura de opções dos planos tornava-se cada vez mais clara á medida que o tempo passava. Era dado o maior destaque á indústria, no sector privado (regulado) e nas relações externas. No II Plano é expressamente declarado que a agricultura é apenas um fio condutor de suporte da indústria. O capital externo e a cooperação com empresas estrangeiras tinham cada vez mais enfoque e até eram promovidos nos últimos dois «planos de fomento». Um outro aspeto importante é a inclusão de «aspetos sociais» nos planos de investimento. Os planos, a partir de 1965, passaram a considerar os fatores como «habitação» e «saúde» importantes para o progresso económico. A «educação técnica» esteve vigente desde o princípio na estrutura de desenvolvimento, embora com uma percentagem baixa. Todos estes elementos mostram uma brilhante, mesmo que reduzida, consciência do elemento «capital humano» no desenvolvimento do país.

Além dos planos, a internacionalização foi estimulada também por outros meios. Portugal tinha sido **membro fundador da OCDE** em 1948. Em 1960 aderiu ao **Banco Mundial e ao FMI** e em 1962 aderiu ao **GATT**. Mas, mais importante que tudo, Portugal foi **membro fundador da EFTA** em 1960. Desfrutando de um estatuto especial (sob o anexo G da Convenção de Estocolmo), Portugal auferiu muito com o levantamento das barreiras ao comércio externo na EFTA. Esta situação especial permitiu a proteção de alguns sectores nacionais e perpetuou vícios antigos. No entanto, a participação na EFTA foi um apoio importante para o processo de desenvolvimento do nosso país. Um evento com grandes implicações políticas, mas com um impacto económico pequeno, foi o início da guerra colonial, no início dos anos 60, na Guiné, Angola e Moçambique. Com um grande efeito na imagem interna e externa do regime, a guerra teve a sua implicação económica principal no défice público, que, no entanto, estava já controlado em meados dos anos 60.

Conclusão

Em Portugal existiram fortes e profundas mudanças, fruto de todo este desenvolvimento. O PIB per capital multiplicou 7 vezes na época do golden age, a estrutura sectorial foi revolucionada, houve uma integração plena na economia mundial. Como foi referido, elementos como instituições, o capital humano e as relações externas tiveram a mesma importância que a acumulação de capital e o crescimento do trabalho para explicar este extraordinário processo.

Ficou claro a importância da educação, estabilidade política, das influências externas no desenvolvimento económico do nosso país. Deste período ficou dependente o crescimento futuro português.

Bibliografia

[https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/11934639/As mudancas economicas do pos guerra.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/11934639/As_mudancas_economicas_do_pos_guerra.pdf)

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223378178X8sYF6cn2Bl69AP4.pdf>

[https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/11934639/As mudancas economicas do pos guerra.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/11934639/As_mudancas_economicas_do_pos_guerra.pdf)

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223378178X8sYF6cn2Bl69AP4.pdf>

[https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/11934639/As mudancas economicas do pos guerra.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/11934639/As_mudancas_economicas_do_pos_guerra.pdf)